

TERRITÓRIO E EXPANSÃO DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL CALÇADISTA NO CEARÁ

Edilson Pereira Júnior¹

RESUMO: *A relação entre território e acumulação industrial é o tema do artigo. O recorte empírico privilegia o estado do Ceará, entre outros motivos porque este território reúne os elementos apropriados de efetivação da acumulação ampliada na indústria. A produção calçadista é tomada como exemplo, pois depende da incorporação de novos territórios para garantir a expansão das suas margens de rentabilidade. Com a emergência do processo de globalização, ocorre um impacto nos circuitos espaciais da produção de calçados, que passam a ser segmentados no território e produzem diferentes padrões de competitividade até resultarem em novas relações com fornecedores e com o próprio trabalhador da linha de produção. O Ceará é escolhido então como um ambiente apropriado para a instalação de novas plantas, confirmando que a organização de um espaço demarcado por uma lógica descontínua, ao mesmo tempo fragmentada e articulada, reafirma um conjunto de forças estruturais que moldam a atual modernização econômica no Brasil.*

PALAVRAS-CHAVE: Território, indústria de calçados, Ceará.

TERRITORY AND EXPANSION OF THE FOOTWEAR INDUSTRY IN THE CEARÁ

ABSTRACT: *The relation between territory and industrial accumulation is the theme of this article. The empirical snippet privileges the state of Ceará, among other reasons because this territory brings together the appropriate elements effectuation of expanded accumulation in the industry. The footwear production is taken as an example because it depends of the incorporation of new territories to secure the expansion of their profitability margins. With the emergence of globalization, there is an impact on circuits spatial production of footwear, which becomes targeted in the territory and produce different competitive standards until to result in new relations with suppliers and with the own laborer of the production line. Then, Ceará is selected as a suitable environment for the installation of new plants, confirming that the organization of an area demarcated by a logic discontinuous, while fragmented and articulated, reaffirms a set of structural forces that shape the current economic modernization in Brazil .*

KEYWORDS: Territory, Footwear industry, Ceará.

¹ Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho em 2011. Professor Adjunto da Universidade Estadual do Ceará. E-mail: edilsonapjr@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O trabalho discorre sobre a nova capacidade dos processos de acumulação industrial utilizarem o território como vetor de expansão para suas margens de lucratividade. A indústria de calçados é tomada como exemplo, interpretada como um gênero produtivo que praticamente depende deste tipo de estratégia, sem a qual as exigências impostas pela concorrência intercapitalista não poderiam ser cumpridas. Como recorte espacial da pesquisa, selecionamos o estado do Ceará, entre outros motivos porque esse território reúne os elementos apropriados de efetivação da acumulação ampliada da indústria calçadista.

O papel das novas tecnologias, das inovações organizacionais e da intencionalidade de agentes políticos e econômicos, contribui para o destaque cearense. Com a emergência do processo de globalização, ocorre um impacto nos circuitos espaciais da produção de calçados, que passam a ser mais segmentados no território e produzem diferentes padrões de competitividade até resultarem em novas relações com fornecedores e com o próprio trabalhador da linha de produção. A mais recente realidade tecnológica e informacional é capaz de integrar, pela via da circulação e da produção, parcelas do espaço geográfico com diferentes preços e produtividades de trabalho, abrindo renovadas possibilidades de redução de custos para os investidores.

Ao levar em consideração todos esses aspectos e reconhecendo a importância de tais mudanças para a nova configuração espacial da indústria no Brasil e no próprio estado do Ceará, o texto pretende trabalhar com a relação entre território e produção industrial calçadista.

A preferência pela abordagem desse tipo de produção na indústria dá-se não só em função da atividade ser uma das que mais se transforma no Brasil e no mundo nos últimos anos, mas também por ser este um dos setores da economia selecionado pelas políticas econômicas cearenses como o mais destacado no acirramento das verticalidades do território.

2. A INDÚSTRIA CALÇADISTA BRASILEIRA E O DESLOCAMENTO DO EIXO DE PRODUÇÃO PARA O NORDESTE

O Brasil se configura como o terceiro maior produtor de calçados do mundo, posicionando-se atrás, apenas, da China e da Índia, respectivamente primeiro e segundo lugares (MDIC, 2010). As últimas quatro décadas foram decisivas para a expansão do segmento na indústria brasileira, pois foi o período em que as principais regiões produtoras estruturaram-se e passaram a atender o mercado externo, negociando a produção com um número cada vez maior de países. Se, até 1990, a quantidade de países consumidores de sapatos e sandálias produzidas no Brasil era de 78, em 2009, esse número atingiu 146, confirmando o crescente faturamento obtido com as vendas dos produtos para o mercado internacional (ABICALÇADOS, 2009).

A organização produtiva e tecnológica desta indústria também é estruturada, uma vez que os circuitos de produção integram grande variedade de fornecedores e produtores. Eles frequentemente intensificam as inovações gerenciais e de equipamentos, tudo isso sem alterar a tradição do setor em articular linhas de produção verticalizadas e contratar grande número de funcionários para o trabalho na fábrica. São mais de dez mil estabelecimentos produtivos, 130 fábricas de máquinas e equipamentos e cerca de 3.400 unidades produtoras de couro e outros componentes, responsáveis por reunir 320 mil empregos formais no ano de 2009, segundo dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) e da Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (ABICALÇADOS, 2009).

O destaque na produção nacional é a região do Vale dos Sinos, situada no estado do Rio Grande do Sul. Ela concentra em torno de 60% da indústria de componentes e 80% das unidades produtivas de máquinas para couros e calçados, onde também encontramos as instituições de ensino técnico e os centros de pesquisa e assistência tecnológica que atendem as demandas do setor (ABICALÇADOS, 2009). A centralidade gaúcha é tradicional e remete às primeiras oficinas do início do século XX. Porém, a hegemonia na produção ocorreu principalmente a partir da década de 1970, período em que a região sentiu uma expansão da capacidade produtiva e passou a atender mais sistematicamente o mercado internacional, exportando uma

boa parte dos produtos fabricados (SCHNEIDER, 2004; PEREIRA, 1998; PROCHNIK, 1991; RUAS, 1985).

O estado de São Paulo também possui importante representação na produção nacional, com destaque para o número de estabelecimentos, a quantidade de empregos gerados e uma relevante participação nas exportações brasileiras do produto. Assim como a produção gaúcha, a indústria de calçados paulista tem tradição. Algumas de suas fábricas começaram a funcionar no período de instalação da atividade calçadista brasileira, em fins do século XIX (SUZIGAN, 2000) e, por consequência, foram muitas as áreas no estado que desenvolveram centros de produção, notadamente os municípios de Franca, a “capital do calçado masculino de couro”; de Birigui, com importante produção de calçados infantis; e de Jaú, relevante na fabricação de calçados femininos (Lara, 2007).

A tradição da produção calçadista está presente ainda em outros estados brasileiros, entre eles Minas Gerais (Nova Serrana, Belo Horizonte e Uberaba), Santa Catarina (São João Batista), Rio de Janeiro (capital do estado), Ceará (Juazeiro do Norte e Fortaleza) e Pernambuco (Recife), que desenvolveram a atividade em função de características históricas específicas de evolução econômica (ABICALÇADOS, 2009). Entretanto, por reunir, na sua maioria, empresas pequenas e médias, nenhuma dessas regiões se firmou internacionalmente na produção calçadista, especializando-se quase que exclusivamente em atender o mercado nacional.

Essa era, então, a organização espacial da produção de calçados no Brasil até os anos de 1990: as regiões Sul e Sudeste concentravam os maiores polos de produção e de oferta de empregos, assumindo também a hegemonia na fabricação de mercadorias voltadas para exportação. Contudo, em poucos anos, essa realidade sofreu importante mudança. Em meados da década de 1990, os maiores investimentos brasileiros de calçados – ou seja, as empresas gaúchas e paulistas, entraram em profundo processo de reestruturação territorial e produtiva. Elas anunciaram que eram principalmente duas as razões das transformações:

- 1) As margens de rentabilidade da indústria não mais atendiam aos interesses dos investidores, principalmente em razão de alterações estruturais da economia e pela maior competitividade internacional com

empresas calçadistas de países asiáticos;

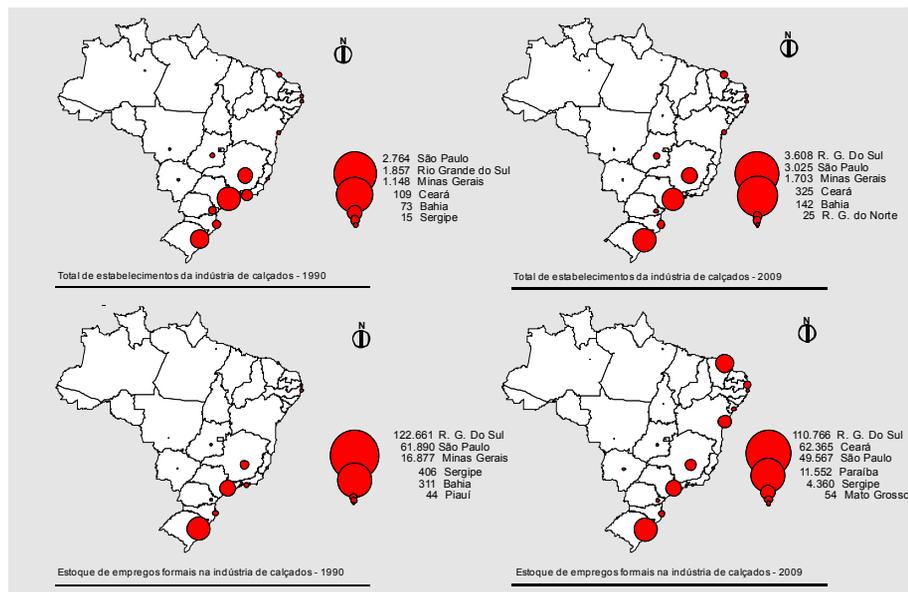
2) As mudanças tecnológicas e produtivas das últimas décadas se apresentaram como estratégias necessárias de organização flexível na busca de alcançar mais lucratividade, estimulando diferentes práticas de engenharia na produção e novas formas de contratação e subcontratação da força de trabalho, recorrendo a uma maior divisão territorial das etapas do processo produtivo.

Como estratégia de redução de custos, os grandes grupos industriais e outras empresas de médio e grande porte investiram na implantação de unidades produtivas em outros estados brasileiros, na busca de novas condições de produtividade que fortalecessem as firmas perante os desafios da globalização. A região Nordeste foi escolhida então como um ambiente apropriado para a instalação de novas plantas com grande capacidade produtiva, o que resultou também na chegada de outras empresas de fabricação de componentes e insumos para a produção de calçados.

O aumento da produção tradicional, associado ao reforço dessas grandes e médias unidades de produção, redefiniu o eixo geográfico da produção calçadista no Brasil e estados como Bahia, Paraíba e Ceará, alteraram significativamente sua importância no contexto da produção nacional, como revelam as variáveis reunidas nas figuras 01 e 02.

Na Paraíba, à tradicional produção de sandálias sintéticas de baixo custo, concentrada na região de Campina Grande, somaram-se inúmeras empresas provenientes das regiões Sul e Sudeste, entre as quais se destaca um grande empreendimento do grupo São Paulo Alpargatas. Isso foi suficiente para permitir o aumento no número de trabalhadores formais em 575% entre 1990 e 2009, segundo o Ministério do Trabalho. A quantidade de estabelecimentos do setor não expandiu na mesma dimensão, mas representou importante evolução, atingindo 152% de acréscimo. Foram as unidades produtivas de calçados sintéticos que mais sofreram ampliação, enquanto o total de estabelecimentos e o estoque de empregos formais da indústria de calçados de couro avançaram mais timidamente.

Figura 01- Total de estabelecimentos e estoque de empregos formais da indústria de calçados no Brasil (1990 e 2009).

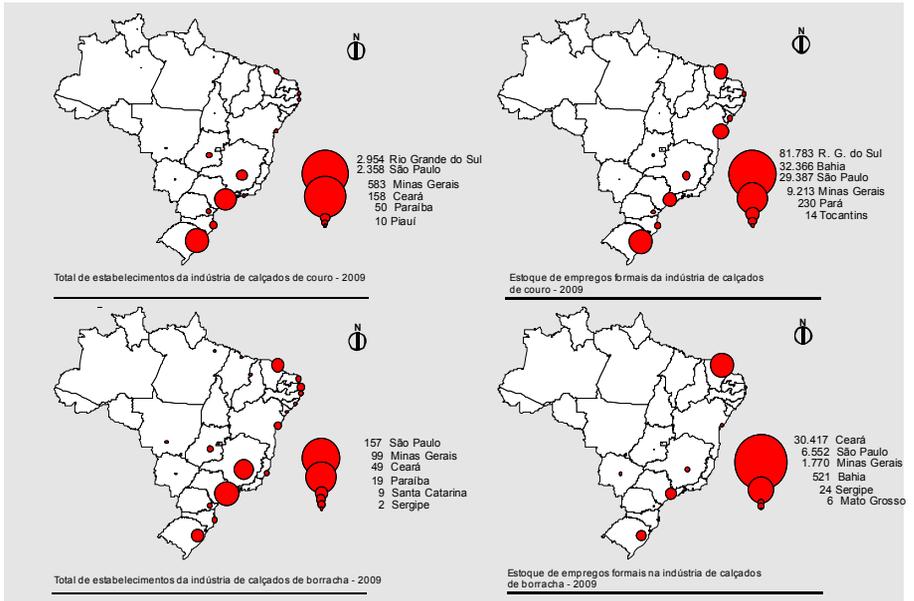


Fonte: MTE/RAIS. Base Cartográfica do PHILCARTO, 2008.

Organização: Edilson Pereira Júnior. Apoio: Funcap.

Na Bahia, a transformação foi mais evidente. Ela se deu, sobretudo, em função da passagem de uma modesta produção que movimentava apenas cerca de trezentos empregos formais para uma capacidade industrial que se encontra entre as maiores do país. Com a chegada de inúmeros investimentos que se espalharam por todo o território baiano, o estoque de empregos formais na indústria de calçados subiu para mais de 35 mil postos, registrando uma expansão, em média, de 11.300%. Esse efeito de distribuição espacial do trabalho formal, que pode facilmente ser visualizado na Figura 02, resultou da chegada de empresas como a Vulcabras/Azaleia, a Grendene, a Kildare, a Bibi e a Via Uno, entre outras. A difusão das plantas industriais pelos municípios do estado é uma característica da atividade calçadista baiana, mas Itapetinga e Jequié foram os centros que concentraram a maior parte dos empregos formais e das novas unidades produtivas instaladas (ABICALÇADOS, 2009).

Figura 02- Total de estabelecimentos e estoque de empregos formais da indústria de calçados de borracha e de couro no Brasil (2009).



Fonte: MTE/RAIS. Base Cartográfica do PHILCARTO, 2008.

Organização: Edilson Pereira Júnior. Apoio: Funcap.

Outro fenômeno visualizado nas figuras é o descompasso entre o crescimento dos empregos formais e a expansão do número de estabelecimentos contratantes. Na Paraíba, na Bahia e em todos os demais estados que sofreram transformações na produção calçadista, essa foi uma característica recorrente, explicada pelo predomínio das maiores fábricas no comando das estratégias de realocização. Isso confirma também que a decisão de transferir plantas industriais como tentativa de efetivar uma reestruturação produtiva e territorial não pode ser realizada por qualquer empresa, ficando o seu sucesso condicionado à montagem de acordos com grupos varejistas e atacadistas revendedores ou grandes marcas da indústria calçadista internacional.

3. O CEARÁ COMO NOVO TERRITÓRIO DA PRODUÇÃO CALÇADISTA

No contexto de expansão da produção calçadista para o Nordeste, o Ceará foi, sem dúvida, o estado que mais sofreu transformação. Inúmeras variáveis apontam para uma reconversão das dinâmicas industriais calçadistas nacionais em favor do território cearense no período que se estende de 1990 a 2009 (ver Figuras 01 e 02).

No comparativo com os outros grandes estados produtores, tanto na expansão dos estabelecimentos quanto nos ritmos do crescimento do estoque de empregos formais, o Ceará revela desempenho bem superior. No que diz respeito ao número de unidades produtivas, cresceu, em 19 anos, cerca de 200%, isto no mesmo período em que estados como Rio Grande do Sul (94%), Bahia (95%), Minas Gerais (49%) e São Paulo (9%) tiveram incremento mais reduzido. Apesar de uma expansão mais tímida no número de empresas especializadas na produção de calçados de couro, os estabelecimentos produtores de mercadorias feitas à base de borracha e material sintético avançaram consideravelmente, tornando o estado o maior produtor de calçados de plástico do país (ABICALÇADOS, 2010).

Na geração de empregos, enquanto Rio Grande do Sul (-10%) e São Paulo (-20%) revelaram índices negativos e Minas Gerais (58%) expandiu de maneira razoável seu número de vínculos formais, a indústria calçadista cearense avançou em 3.990%, somando um estoque de 60.840 empregados em vinte anos. Isso fez com que o estado passasse de décimo maior empregador em 1990 (1.525 empregos formais) para segundo maior em 2009 (62.365 empregos), perdendo apenas para o Rio Grande do Sul (122.661 postos), historicamente o maior produtor nacional.

Se compararmos o percentual de estoque de empregos cearense com o estoque de empregos do Brasil e do Nordeste, é possível termos uma melhor dimensão da relevância assumida pela indústria calçadista no estado. Em relação ao Brasil, Como aponta a tabela 01, em apenas vinte anos o Ceará passou de uma margem insignificante (0,6%) para uma quantidade bastante expressiva (19,5%). No que diz respeito ao Nordeste, os números são ainda mais contundentes. Ao lado de estados como Paraíba e Pernambuco, que sempre apresentaram tradição na contratação de

trabalhadores em pequenas oficinas, o Ceará representava 20,8% do total de empregos formais em 1990. Mas o crescimento nos postos de trabalho com a chegada dos investimentos de outros estados foi tão significativo que a indústria cearense, em 2009, acabou concentrando mais da metade das vagas abertas no Nordeste. Trata-se de uma representação de 53,5% na região, mais do que o dobro de vinte anos atrás.

A maior parte desses empregos está concentrada na indústria de calçados de produtos sintéticos (tênis, sandálias, botas, entre outros). Neste setor, a expansão dos empregos em favor do Ceará resultou no deslocamento do eixo brasileiro da produção de calçados, o que confirma duas hipóteses importantes. A primeira delas é a de que o fator mão de obra é fundamental para o aporte de fábricas no território do estado, tendo em vista a demanda por força de trabalho que uma produção com essas características é capaz de recrutar. A segunda é a de que essa nova produção, a incluir mercadorias de marcas famosas, não dispensa acordos entre firmas do tipo *hollowcorporation* (VELTZ, 2008 e MICHALET, 2009), em que a combinação de estratégias territoriais em rede reúne interesses de empresas que coordenam atividades de produção e de serviços.

Tabela 01: Ceará - percentual do estoque de empregos formais na indústria de calçados face ao Brasil e ao Nordeste

Anos	Brasil	Nordeste
1990	0,6%	20,8%
2009	19,5%	53,5%

Fonte: MTE/ RAIS

Para este último caso, o papel decisivo de empresas globais na produção industrial, a exemplo da Nike, Adidas e Reebok, impõe aos produtores uma combinação de fatores que faz emergir, mesmo numa atividade tradicional da indústria, toda uma operação de cobranças e de metas de produtividade que mais lembram a atual lógica competitiva do mercado financeiro. Esse paradigma, que orienta a produção de algumas indústrias no Ceará, se materializa através de uma ampla relação de alianças

econômicas em rede, que mesclam estratégias políticas, administrativas, gerenciais e produtivas com uma superexploração da força de trabalho, no intuito de atingir performances de alta lucratividade em linhas de produção industrial.

O flagrante destas formas de acumulação por superexploração do trabalho no contexto das diferenciações espaciais fica explícito na ação de empresas subvencionadas pelo Governo do Ceará e, geralmente, instaladas no estado a partir do investimento de capitais gaúchos e paulistas. Muitas delas trabalham para outras empresas nacionais de grande porte, mas existem também aquelas que são subcontratadas de grandes marcas internacionais, como a Nike, aglutinando milhares de trabalhadores em falsas cooperativas.

De maneira menos agressiva, a estratégia também é compartilhada pelas empresas mais conhecidas da produção calçadista nacional que, ao buscarem atingir metas para atenderem mercados internacionais ávidos por lucratividade, também impuseram mecanismos de superexploração do trabalho, tais como “banco de horas” (jornadas de trabalho variáveis em favor da empresa), polivalência de serviços ou uso de métodos de racionalização produtiva, que esgotam o trabalhador em suas atividades diárias. Essa reestruturação efetiva-se mantendo os salários da linha de produção entre os mais baixos do país, condicionando as estratégias de realocação às vantagens extraídas do preço do trabalho.

A proeminência das relações comerciais que a indústria calçadista cearense tem com o mercado exterior mostra que as estratégias lograram sucesso. Em 2010, segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), o Ceará exportou 63,9 milhões de pares de sapatos, totalizando um valor de cerca de 400 milhões de dólares. Com isso, a exportação de calçados atingiu 29,3% do total das vendas para o exterior, ocupando a primeira posição no estado. Os números revelam uma importante alteração da atividade calçadista cearense, uma vez que, há quinze anos, as empresas predominantes neste gênero eram pequenas oficinas e sua produção sequer constava na pauta de produtos para exportação.

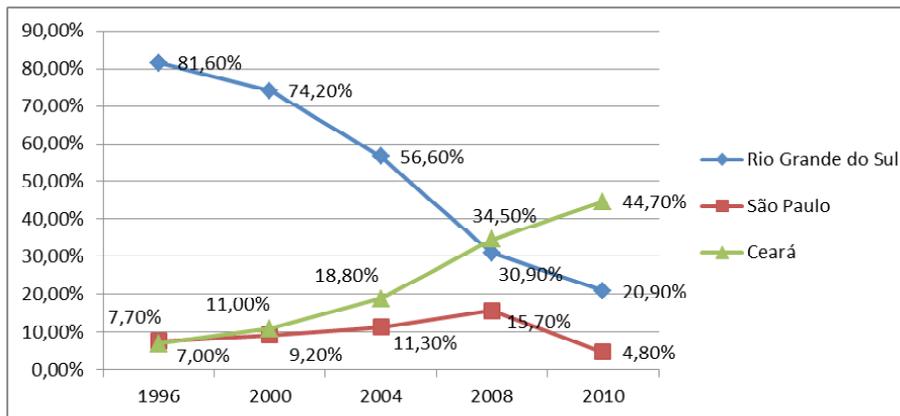
Em relação ao Brasil, todas essas mudanças reconfiguraram as bases

da produção calçadista voltada para o mercado internacional, pois, apesar da importância de estados como Rio Grande do Sul e São Paulo na produção e exportação do produto; o Ceará, sem nenhuma tradição, assumiu, em 2008, o posto de maior exportador de calçados do país no que diz respeito ao volume de pares produzidos. Como mostra o Gráfico 01, em apenas quatorze anos o estado passou de uma produção que representava cerca de 7% da exportação nacional para uma que indicava mais de 44%, superando os demais que, há décadas, mantinham essa posição. É importante também perceber a velocidade da expansão que legitima o Ceará como uma verdadeira “plataforma de exportação” dos produtos calçadistas. Ao considerar apenas os anos de 2008 e 2010, constatamos que o estado produziu mais do que São Paulo e Rio Grande do Sul juntos. Isso reitera o sucesso da empreitada calçadista por ter selecionado o território cearense como ambiente seguro para a produção de calçados.

Por meio do Gráfico 01, também percebemos que o desempenho de São Paulo e o do Rio Grande do Sul nas taxas de exportação assumiram um comportamento inversamente proporcional ao do Ceará. Uma conclusão importante pode ser tirada desse fenômeno: as empresas dos dois estados de maior tradição na produção calçadista brasileira utilizam a estratégia de deslocamento para o Ceará como caminho para atingir altas taxas de lucratividade.

Seja como for, apesar do crescimento, a posição do Ceará ainda é inferior à do Rio Grande do Sul no que tange ao retorno financeiro com as exportações. Isso significa que as empresas cearenses produzem calçados mais baratos, o que deixa o Rio Grande do Sul concentrando uma produção de maior valor agregado. Mas até essa variável apresenta uma mudança substancial em favor do Ceará. Se, como aponta o Gráfico 02, considerarmos que o acumulado cearense com o produto era irrisório até 1996 (0,6% do país) e percebermos a ascensão da curva que demonstra a sua participação, inclusive ultrapassando São Paulo, poderemos constatar uma tendência também de inversão desse indicador. Esse efeito é curioso, pois demonstra que os dois estados mais tradicionais na produção de calçados – com parque tecnológico consolidado e uma força de trabalho qualificada para a produção de mercadorias de maior valor agregado – perdem posição no que tange ao retorno financeiro com as exportações.

Gráfico 01: Exportações brasileiras por estado em milhões de pares de calçados - porcentagem sobre o total nacional (1996-2010).



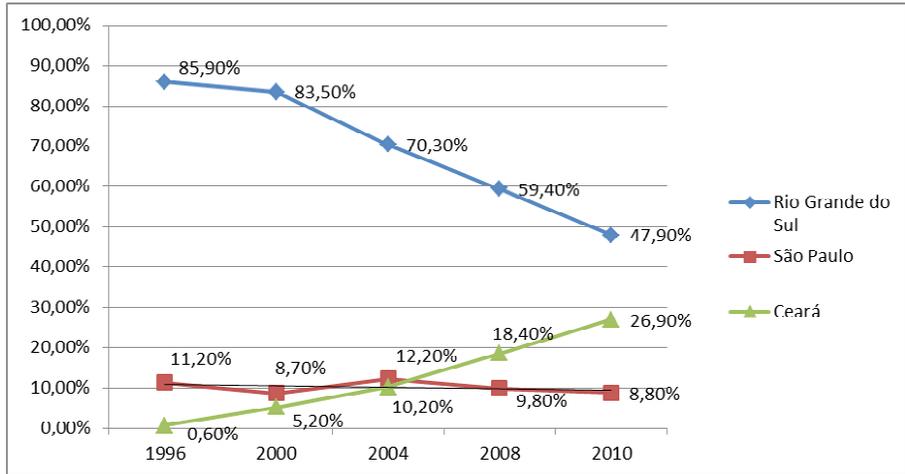
Fonte: Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio (MDIC/SECEX)/ ABICALÇADOS.

Assim, enquanto o Ceará cresce rapidamente, São Paulo e Rio Grande do Sul só descem. No que diz respeito ao Rio Grande do Sul, especificamente, em quatorze anos, esse estado diminuiu sua participação em toda exportação nacional em mais de 38%. Mesmo assim, ele ainda é o que mais arrecada com a exportação de calçados, com uma diferença substancial em relação ao Ceará, o que, provavelmente, lhe permitirá manter a liderança nessa arrecadação por alguns anos.

Entre as principais empresas exportadoras do Brasil, estão exatamente os grupos do Rio Grande do Sul e de São Paulo, que instalaram suas fábricas no Ceará, como demonstra a Tabela 02. Segundo dados dessa tabela, a Grendene é a maior exportadora, com mais de 70 milhões de dólares FOB arrecadados em 2009, o que corresponde a 11,77% da exportação estadual. Em seguida, também em FOB, estão Paquetá (7,30%), Aniger (3,16%) e Vulcabras/Azaleia (3,10%).

Esses números costumam variar de ano para ano, com outras empresas de grande porte assumindo a segunda ou a terceira posição. Contudo, a relevância da Grendene é indiscutível. Afinal, essa empresa mantém a liderança na exportação do produto desde a metade da década de 1990.

Gráfico 02: Exportações brasileiras por estado em US\$ milhões - % sobre o total nacional (1996/2008)



Fonte: Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio (MDIC)

É importante salientar que dez das maiores empresas brasileiras de calçados possuem filiais no Ceará. Entre elas, podemos destacar: Grendene (Sobral, Fortaleza e Crato), Paquetá (Uruburetama, Itapajé e Pentecoste), Aniger (Quixeramobim), Dakota (Russas, Maranguape, Iguatu e Quixadá), Vulcabras/Azaleia (Horizonte), HB Betarello (Aracati), Democrata (Camocim e Santa Quitéria) e Dilly (Itapipoca). Somente de 2005 a 2010, a produção aumentou 59%, o que fez a indústria calçadista cearense superar o Rio Grande do Sul e ficar atrás apenas de São Paulo em termos de quantidade produzida (Jornal O Povo, 2011).

Tabela 02: Principais empresas exportadoras de calçados do Ceará (2009)

Empresas	US\$ FOB	Percentual de participação das exportações de calçados no estado
Grendene S. A.	70.802.125,00	11,77%
Paquetá Calçados LTDA	43.920.609,00	7,30%
Calçados Aniger Nordeste LTDA	19.035.198,00	3,16%
Vulcabras/Azaleia S/A	18.621.312,00	3,10%

Fonte: DIEESE e Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio (MDIC).

Entre as empresas que mais produzem, o destaque é, de longe, o grupo gaúcho Grendene, que em 2005, sozinho, concentrou 73,3% da produção estadual, com um volume produzido de mais de 95 milhões de pares. A Dakota, também de origem gaúcha, assumiu o segundo lugar, com 5,58% da produção. Seguem em ordem decrescente: Vulcabras/Azaleia, Paquetá, Calçados Aniger, Kawalli e outras pequenas e médias empresas vindas, principalmente, do Rio Grande do Sul, que mudaram o seu nome fantasia em razão das facilidades na contratação de trabalhadores e na obtenção de financiamentos públicos.

Desse modo, é possível inferir que as vicissitudes do território cearense provocaram a simetria entre os interesses das empresas e as intenções do estado de patrocinar uma industrialização conduzida pela chegada de investimentos externos. Além dos benefícios fiscais, a indústria calçadista encontrou uma abundante força de trabalho a baixíssimo custo, sem falar da possibilidade de atender os mercados norte-americanos e europeus utilizando o território cearense como “plataforma de exportação”. Nesse ambiente favorável, rapidamente, muitas empresas abriram novas plantas ou simplesmente transferiram suas fábricas para o Ceará, aumentando a produção de calçados endereçada ao mercado nacional e internacional.

4. CONSIDERAÇÕES

As condições concretas que configuram a atual acumulação capitalista no Ceará revelam um processo de industrialização cujas relações políticas e econômicas não mais se limitam apenas às decisões de agentes provenientes do lugar. Este é um dado novo para a evolução industrial do estado. Ele está expresso no alcance global da sua capacidade produtiva e na combinação interescolar de interesses; que transforma a relação entre técnica e política um fator decisivo na reprodução ampliada das riquezas.

As feições desse modelo de industrialização, definidas a partir de um conjunto de ações implementadas em nome da competitividade internacional dos mercados, traduzem-se por meio de diferentes relações

estabelecidas entre os lugares e as empresas. São relações que resultam em forças estruturais de concentração, difusão ou segregação, a determinarem novas formas de usar o território.

Apesar desse comportamento ser sintomático para o conjunto das empresas e dos ramos produtivos, é o caso da indústria de calçados que permite visualizar o processo de maneira mais contundente, sobretudo quando consideramos a sua capacidade de proporcionar modificações súbitas aos conteúdos quantitativos e qualitativos do território.

Ao apontar estreitas relações entre múltiplos agentes nas mais diversas escalas e dimensões da organização espacial, as estratégias utilizadas pela indústria de calçados no Ceará traduzem os progressos obtidos pela técnica dentro de um contexto demarcado pelo imperativo da competitividade, responsável por reproduzir a dialética da sincronia/diacronia que lhe dá forma.

Assim, se for possível falar de sinergia multidimensional e interescolar na composição da modernização industrial do estado, o exemplo extraído da produção de calçados não poderia ser mais revelador. Ele estabelece as formas e as bases sob as quais se ergue uma renovada capacidade produtiva industrial, representada, principalmente, pelo acirramento do trabalho formal em grandes unidades produtivas que impõem a disciplina do tempo da fábrica ao relacionar as ações individuais e coletivas das pessoas com a quantificação cronometrada do tempo do relógio. Faz isso introduzindo as condições tayloristas/fordistas de trabalho para milhares de habitantes do estado, tanto no interior quanto na Região Metropolitana de Fortaleza.

Desse modo, o arranjo da desigualdade socioespacial é explorado de modo mais aperfeiçoado pelas empresas, fazendo com que fluxos materiais e imateriais dinamizem-se e tornem-se responsáveis por uma integração espacial e produtiva, aprofundando as diferenças entre as regiões.

Ao materializar essas mudanças, a produção de calçados penetra na esfera da competitividade internacional demarcada pela acirrada concorrência com países produtores, especialmente aqueles localizados na Ásia, como a China. No cerne do processo, o uso do território como mecanismo de acumulação ganha valorização. Ele revela a capacidade dos inúmeros agentes capitalistas em acompanhar os ritmos de transformação

dos últimos anos, apropriando-se de dimensões que anteriormente pareciam insignificantes para a geração de valor. Confirma, definitivamente, que a organização de um espaço demarcado por uma lógica descontínua, ao mesmo tempo fragmentada e articulada, reafirma um conjunto de forças estruturais que moldam a modernização econômica e o progresso material da sociedade.

5. REFERÊNCIAS

AGÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DO CEARÁ (ADECE). **Investimentos subsidiados**. Fortaleza, 2010.

ALMEIDA, Diego Gadelha de. **Indústria e reestruturação socioespacial: a inserção de Sobral na divisão espacial da produção calçadista**. Fortaleza: Mestrado Acadêmico em Geografia/UECE, 2009. Dissertação de Mestrado.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DE CALÇADOS – ABICALÇADOS. **Histórico das exportações brasileiras de calçados – 1990/2009**. Novo Hamburgo: ABICALÇADOS/UNIDADE DE INTELIGÊNCIA COMERCIAL, 2010.

_____. **Resenha estatística**. Novo Hamburgo: ABICALÇADOS/UNIDADE DE INTELIGÊNCIA COMERCIAL, 2009.

AYDALOT, Philippe. **-Dynamique spatiale et développement inégal**. -2 ed. Paris: Economica, -1980.

BESERRA, Fábio Ricardo Silva. **Espaço, indústria e reestruturação do capital: a indústria de calçados na região do Cariri – CE**. Fortaleza: Mestrado Acadêmico de Geografia/ UECE, 2007. Dissertação de Mestrado.

DEDECA, Cláudio Salvadori. Anos 1990: a estabilidade com desigualdade. In: Marco SANTANA, Aurélio e RAMALHO, José Ricardo (orgs.). **Além da fábrica - trabalhadores, sindicatos e a nova questão social**. São Paulo: Boitempo, 2003.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDO SÓCIO-ECONÔMICO - DIEESE. **Subsídio à campanha salarial do Sindicato dos Sapateiros do Ceará 2009**. Fortaleza, 2009.

DINIZ, Clélio Campolina. BASQUES, Maria Fernanda Diamante. **A industrialização nordestina recente e suas perspectivas**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2004.

FISCHER, André. **Industrie et espace géographique**. Paris: Masson, 1994.

LARA, Ricardo. O trabalho invisível em Franca – SP. In: CANÔAS, José Walter (org.). **Nas pegadas do sapateiro: 60 anos do STIC – Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Calçados**. Franca: UNESP, 2007.

MENELEU NETO, José. **Novos sapateiros: os trabalhadores e a reestruturação do capital**. Tese (Doutorado) Fortaleza: Programa de Pós-Graduação em Sociologia/UFC, 2000.

MICHALET, Charles-Albert. **Mondialisation, la grande rupture**. Paris: Éditions La Découvert, 2009.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR – MDIC/ SECRETARIA DE COMÉRCIO EXTERIOR - SECEX. **Dados estatísticos**. Disponível em www.secex.mdic.gov.br. Acesso em 28/03/2010.

NAVARRO, Vera. A reestruturação produtiva na indústria de calçados de couro em Franca (SP). In: ANTUNES, Ricardo. SILVA, Maria Aparecida Moraes (org.). **O avesso do trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

O Povo. Produção de calçado no Ceará cresce em ritmo chinês. Economia. Fortaleza, 11 fev. 2011.

PEREIRA, José Maria Dias. **Flexibilização da produção e subcontratação do trabalho: o caso da indústria gaúcha de calçados de couro**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1998. Tese de Doutorado.

PEREIRA JÚNIOR, Edilson. **Território e economia política – uma abordagem a partir do novo processo de industrialização no Ceará**. São Paulo: Editora da Unesp/ Selo Cultura Acadêmica, 2012. Disponível em <http://www.culturaacademica.com.br/index.html>.

PROCHNIK, Victor. Flexibilidade espúria: modernização técnica com desigualdade social na indústria brasileira de calçados. **Anais do 19º Encontro Nacional de Economia**. Curitiba: Anpec, 1991.

RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS– RAIS. **Base de dados estatísticos**. Vários anos. Brasília: RAIS, 2010. CD-ROM.

RUAS, Roberto. **Efeitos da modernização sobre o processo de trabalho: condições objetivas de controle na indústria de calçados**. Porto Alegre: FEE, 1985.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. 3ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1999.

VELTZ, Pierre. **Le nouveau monde industriel**. Édition revue et augmentée. Paris: Éditions Gallimard, 2008.

SCHNEIDER, Sérgio. **Agricultura familiar e industrialização: produtividade e descentralização industrial no Rio Grande do Sul**. 2ª ed. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

SUZIGAN, Wilson. **Indústria brasileira** – origem e desenvolvimento. 9ª ed. São Paulo: HUCITEC/Editora da Unicamp, 2000.

Recebido em 01/04/2013 - Aprovado em 05/06/2013